



Anais do XIV Colóquio Internacional "Educação e Contemporaneidade"

24 a 25 de setembro de 2020



Volume XIV, n. 2, set. 2020
ISSN: 1982-3657 | Prefixo DOI: 10.29380

**EIXO 2 - EDUCAÇÃO E INCLUSÃO. EDUCAÇÃO, INTERVENÇÕES SOCIAIS.
POLÍTICAS AFIRMATIVAS. EDUCAÇÃO NO CAMPO, MOVIMENTOS SOCIAIS.
EDUCAÇÃO E DIREITOS HUMANOS. EDUCAÇÃO PARA A PAZ.**

Editores responsáveis: **Veleida Anahi da Silva - Bernard Charlot**

DOI: <http://doi.org/10.29380/2020.14.02.29>

Recebido em: **04/09/2020**

Aprovado em: **04/09/2020**

"TRADUTORINTÉRPRETE DE LÍNGUAS DE SINAIS OU PROFESSOR
REFLEXÕES SOBRE O PAPEL DO INTÉRPRETE EM SALA DE AULA";
"TRANSLATOR SIGNAL LANGUAGE INTERPRETER OR TEACHER
REFLECTIONS ON THE ROLE OF THE INTERPRETER IN CLASSROOM";
"TRADUCTOR MAESTRO DE LENGUAJE DE SEÑALES REFLEXIONES SOBRE
EL PAPEL DEL INTÉRPRETE EN EL AULA";

IARA FONTES DO NASCIMENTO

<https://orcid.org/0000-0001-8750-4559>

ILVANIR DA HORA SANTOS

<https://orcid.org/0000-0002-2175-3699>

AUGUSTO MATOS OLIVEIRA

[0000-0002-7020-4784](https://orcid.org/0000-0002-7020-4784)

RESUMO

O presente estudo tem por finalidade refletir acerca do papel do Tradutor/Intérprete de língua de sinais atuando nas escolas, tanto públicas quanto privadas, sua presença em sala de aula tem sido cada vez mais comum, e sobre os desafios enfrentados por ele no exercício de sua função. Tem como objetivo discutir acerca dos equívocos existentes a cerca desse profissional. Para tanto, se fez necessária uma breve retomada na história dos surdos e do intérprete no Brasil. A pesquisa patuou-se em estudos bibliográficos e para aprofundar a pesquisa utilizou-se a entrevista semiestruturada. Constatamos com suas respostas que um dos principais impasses vividos pelos intérpretes de língua de sinais em sala de aula é justamente a confusão existente quanto ao seu papel. Percebemos que, apesar dos avanços, essa profissão, em especial neste campo de atuação, é pouco compreendida pelos demais componentes do corpo escolar. Assim, o real papel e os limites de sua função não foram ainda delimitados nesse meio.

Palavras- chave: Língua de Sinais. Tradutor/Intérprete. Educação. Línguas de Sinais.

ABSTRAT

The present study aims to reflect on the role of the sign language translator / interpreter working in schools, both public and private, his presence in the classroom has been increasingly common, and about the challenges he faces in the exercise of its function. It aims to discuss the existing misconceptions about this professional. For that, a brief resumption in the history of the deaf and the interpreter in Brazil was necessary. The research was based on bibliographic studies and to deepen the research, semi-structured interviews were used. We verified with their responses that one of the main impasses experienced by sign language interpreters in the classroom is precisely the confusion that exists regarding their role. We realized that, despite the advances, this profession, especially in this field, is poorly understood by the other members of the school staff. Thus, the real role and the limits of its function have not yet been defined in this environment.

Keywords: Sign Language. Translator / Interpreter. Education. Sign Lang

CURRÍCULUM

El presente estudio tiene como objetivo reflexionar sobre el papel del traductor / intérprete de lengua de signos que trabaja en las escuelas, tanto públicas como privadas, su presencia en el aula ha sido cada vez más común, y sobre los desafíos que enfrenta en el ejercicio de su función. Tiene como objetivo discutir los conceptos erróneos existentes sobre este profesional. Para eso, fue necesaria una breve reanudación en la historia del sordo y el intérprete en Brasil. La investigación se basó en estudios bibliográficos y para profundizar en la investigación se utilizaron entrevistas semiestructuradas. Comprobamos con sus respuestas que uno de los principales callejones que experimentan los intérpretes de lengua de signos en el aula es precisamente la confusión que existe sobre su rol. Nos dimos cuenta de que, a pesar de los avances, esta profesión, especialmente en este campo, es poco comprendida por los demás miembros del personal de la escuela. Por tanto, el papel real y los límites de su función aún no se han definido en este entorno. **Palabra clave:** lenguaje de señas. Traductor intérprete. Educación. Las lenguas de signos.

Introdução

Muito se tem falado sobre inclusão, surdez, Libras, intérprete de língua de sinais e como esse universo tem sido tratado e visto na nossa sociedade atual? Nesse trabalho irá discutir sobre o profissional Tradutor/Intérprete de Libras (TILS), e com base em diversos trabalhos anteriores, abordaremos alguns pontos relevantes nesse universo da surdez.

A necessidade de comunicação é, indiscutivelmente, inerente ao ser humano. Esta por sua vez, dar-se-á de maneiras diferentes quando se trata de pessoas surdas e ouvintes. Assim, podemos dizer que existe um impulso dos indivíduos para a comunicação e, para os surdos, esse impulso é sinalizado (GESSER, 2009).

Implica dizer que para os ouvintes a modalidade comunicativa é a oral-auditiva, enquanto que para os surdos é espaço-visual, ou seja, os ouvintes falam com a “boca” e ouvem com os ouvidos, já os surdos falam com as mãos e ouvem com os olhos. Assim, podemos dizer que (MEC, 2004, p.10):

“O termo 'ouvinte' refere-se a todos aqueles que não compartilham as experiências visuais enquanto surdos. A surdez consubstancia experiências visuais do mundo. Do ponto de vista clínico comumente se caracteriza a surdez pela diminuição da acuidade e percepção auditivas que dificulta a aquisição da linguagem oral de forma natural. E os surdos são as pessoas que se identificam enquanto surdas. Surdo é o sujeito que apreende o mundo por meio de experiências visuais e tem o direito e a possibilidade de apropriar-se da língua brasileira de sinais e da língua portuguesa, de modo a propiciar seu pleno desenvolvimento e garantir o trânsito em diferentes contextos sociais e culturais. A identificação dos surdos situa-se culturalmente dentro das experiências visuais. Entende-se cultura surda como a identidade cultural de um grupo de surdos que se define enquanto grupo diferente de outros grupos. Essa cultura é multifacetada, mas apresenta características que são específicas, ela é visual, ela traduz-se de forma visual. As formas de organizar o pensamento e a linguagem transcendem as formas ouvintes.”

A maior dificuldade vivida pelos surdos certamente é a comunicação, principalmente com a maioria ouvinte. Considerando que estes possuem um canal próprio para se comunicar. Para um ouvinte a comunicação é feita de modo oral-auditivo, ou seja, o locutor oraliza para que o interlocutor receba a mensagem através do canal auditivo e a decodifique.

No entanto, para os surdos a mensagem virá através de sinais realizados que recebidos pelo canal visual, os olhos. Esta forma de comunicar-se é realizada através da Língua de Sinais (LS) que é tão natural e complexa como qualquer outra língua oral-auditiva. Para salientar este fato, GESSER (2009), nos diz que:

“a língua de sinais tem todas as características linguísticas de qualquer língua humana natural. É necessário que nós indivíduos de um cultura de língua oral, entendamos que o canal comunicativo diferente que o surdo usa para se comunicar não anula a existência de uma língua tão natural, complexa e genuína como é a língua de sinais”.

Portanto, os surdos em nada diferem dos ouvintes quanto a sua capacidade de aprender e se desenvolver intelectualmente, apenas, utilizam para a língua de sinais. Segundo Araújo (2012, p.19),

“O surdo não é pior que o ouvinte, é cognitivamente igual, tem as mesmas capacidades e inteligências, porém é um sujeito que tem uma forma única, peculiar de aprender, pois compartilha duas culturas e precisa apropriar-se de ambas. A língua de sinais constitui esta ponte, portanto, importante na educação dos surdos nas classes regulares”.

Essa diferença existente sempre causou empecilhos para que houvesse uma boa comunicação e interação. Considerando uma maioria ouvinte, estes sempre estiveram em uma posição de certo poder em relação aos surdos, que por sua vez foram vistos de diversas maneiras negativas no decorrer da História.

As dificuldades comunicativas levaram a necessidade de um mediador entre surdos e ouvintes, e assim surge a figura do Tradutor/Intérprete de línguas de sinais (TILS). A cerca desse profissional que por muito tempo foi visto, apenas como um ajudador, apontaremos o que tem mudado nos últimos anos, porém ainda está distante do devido reconhecimento.

O TILS colabora para inclusão da pessoa surda nos diversos ambientes sociais como igreja, teatros, principalmente nas escolas etc. É ele quem intermédia a comunicação entre os surdos e os ouvintes. Quando presente nas instituições escolares é chamado de Tradutor/Intérprete educacional. Sua presença constante em sala de aula junto ao aluno, às vezes, é confundida com a do professor.

Antes de discutimos sobre o Tradutor/Intérprete, sua importância e atuação na escola, faz-se necessária uma contextualização da História dos Surdos no mundo. As barreiras enfrentadas por eles mostram quão valioso faz-se a presença do profissional Tradutor/Intérprete de Língua de Sinais (TILS) em suas vidas.

Nesta perspectiva o trabalho baseou-se com a entrevista semiestruturada. Foram entrevistadas duas intérpretes, atuantes na rede regular de ensino. Tento em mente a confusão que rodeia o papel do intérprete. O objetivo desta pesquisa é discutir esse equívoco existente à cerca do papel do intérprete profissional em sala de aula.

Breve relato sobre a História dos Surdos

Os surdos vêm superando diversos obstáculos ao longo da História. Na antiguidade eles chegaram a ser vistos como animais desprovidos de fala e pensamento, sendo incapazes de aprender.

“355 a.C.O filósofo Aristóteles (384 – 322 a.C.) acreditava que quando não se falavam, conseqüentemente não possuíam linguagem e tampouco pensamento, dizia que: “... de todas as sensações, é a audição que contribuiu mais para a inteligência e o conhecimento..., portanto, os nascidos surdomudo se tornam insensatos e naturalmente incapazes de razão”, ele achava absurdo a intenção de ensinar o surdo a falar”. (STROBELL, 2010, p. 18)

Para muitas pessoas eles não passavam de “não-humanos”, um fardo pesado que devia ser conduzido

por toda a vida” (LIMA, 2004). Na Roma antiga não eram vistos como cidadãos, diversos direitos lhes eram negados a exemplo do direito de casar ou ainda herdar a herança de seus pais. Para Silva (2009), a condição do sujeito surdo era a mais miserável de todas, pois a sociedade considerava-os como imbecis, anormais, incompetentes.

Ainda de acordo com Silva (2009), para muitos nobres era um grande problema não ter para quem deixar suas fortunas e a única maneira de fazer com que seus filhos a herdassem era torná-los cidadãos, para isso, era necessário que estes fossem educados.

Com a situação começa a mudar e na tentativa de educá-los procuraram o monge Beneditino de nome Ponce de León que buscou ensinar-lhes a ler, escrever e a falar utilizando-se de diversos métodos como o uso de sinais, língua oral ou ainda uma combinação dos dois para instruir seus alunos.

A partir desse momento foram desenvolvidas correntes educacionais, as quais deixaram consequências, boas ou não, em toda a História dos Surdos. São elas: o oralismo, percebe a surdez como uma deficiência que precisa ser corrigida, utiliza de diversas técnicas e métodos de oralização. A comunicação total, como o próprio nome já diz, permitia diversos meios para comunicação, sinais, gestos, oralização. Por fim, o Bilinguismo, corrente mais aceita atualmente por considerar fundamental que os surdos aprendam a modalidade escrita da língua majoritária do seu país, enaltecendo a Língua de Sinais como língua natural dos surdos, reconhece sua cultura e identidade.

Em 1880, ocorreu na cidade de Milão, na Itália, um marco nessa História. O congresso internacional que reuniu educadores de surdos. Nele, princípios antigos como os de Aristóteles foram retomados e após uma votação na qual, os poucos professores surdos presentes, foram deixados de fora, decidiu-se que a educação oralista era superior à língua gestual e aprovou-se uma resolução que proibia o uso dessa língua nas escolas. Essa decisão trouxe retrocesso para a educação e sofrimento para os surdos. Sobre esse episódio Sacks (1998, p.40) revela que:

“Os próprios professores surdos foram excluídos da votação”, o oralismo saiu vencedor e o uso da língua de sinais foi “oficialmente” abolido. Os alunos surdos foram proibidos de usar sua própria língua “natural” e, dali por diante, forçados a aprender, o melhor que pudessem, a (para eles) “artificial” língua falada. E talvez isso seja condizente com o espírito da época, seu arrogante senso da ciência como poder, de comandar a natureza e nunca se dobrar a ela.

A corrente oralista perdurou, como obrigatória, por praticamente um século. Somente, a partir de 1960, com os estudos do linguista norte americano William Stokoe, as línguas de sinais foram reconhecidas como línguas (GESSER, 2009). Com isso, percebeu-se que os resultados alcançados com o oralismo nos últimos cem anos não tinham sido nada satisfatórios e o bilinguismo começa a ganhar espaço.

Aqui no Brasil, oficialmente, essa História começa com o Imperador Dom Pedro II que com uma visão diferenciada da maioria naquela época, trouxe, da França, um professor surdo, Eduard Huet o qual fundou o Instituto Imperial dos Surdos-Mudos no Rio de Janeiro, atualmente, Instituto Nacional de Educação dos Surdos (INES). O INES tem grande importância na organização da Libras (Língua Brasileira de Sinais) e sempre foi frequentado por surdos de todo o país, misturando sinais de vários lugares e enriquecendo a língua,

Para o Instituto Nacional de Surdos-Mudos, como era denominado, convergiam alunos surdos dos principais estados do Brasil, nele permanecendo durante o período letivo, em regime de internato, retornando

para seus estados no período das férias. Dessa forma, levavam para suas cidades a língua de sinais adquirida, no INES, misturando-a com os dialetos usados pelos surdos que não frequentavam o instituto. Os alunos retornavam das férias com seus regionalismos, que por sua vez iam sendo incorporados a uma única língua, hoje, denominada LIBRAS- Língua Brasileira de Sinais. (Costa Leite, 2004)

Mais tarde em 1987 é fundada a Federação Nacional de Educação de Surdos (FENEIS), entidade filantrópica, sem fins lucrativos, que tem por finalidade a defesa de políticas em educação, cultura, saúde e assistência social, em favor da comunidade surda brasileira, bem como a defesa de seus direitos.

Em todo o percurso dessa história percebemos a necessidade da comunicação e os diversos esforços para vencer as dificuldades, muitas vezes impostas pela sociedade.

A história do Tradutor/Intérprete de Língua de Sinais (TILS)

Em diversos países há TILS. Sua história iniciou-se a partir de ações voluntárias que foram sendo valorizadas a medida que os surdos foram conquistando seu exercício na cidadania. Como diz Cruz (2016):

A profissão de intérprete surge a partir do momento em que dois grupos com línguas diferentes não se compreendem, necessitando então de alguém que faça parte dos dois mundos linguísticos para fazer a mediação, a tradução e interpretação para abas as partes.

Com a presença dos surdos na sociedade foi o ponto chave para o reconhecimento da língua de sinais (LS) de cada país bem como a profissionalização do TILS. No Brasil, a língua de sinais brasileira (Libras) foi oficializada pela Lei nº 10.436/2002 (BRASIL, 2002), que reconhece a língua como meio oficial de comunicação entre surdos e surdos, surdos e ouvintes.

A partir desse reconhecimento enquanto língua de fato os surdos passaram a ter garantia de acesso a língua enquanto direito linguístico. Consequentemente, a presença de um intérprete torna-se fundamental nas salas de aula e, também, em outros ambientes. (BORGES E NOGUEIRA, 2013)

Dessa forma, as instituições se viram obrigadas a ofertarem acessibilidade a esses alunos surdos. E, como garantir essa acessibilidade? Ofertando a presença do TILS. No Brasil, a presença do TILS iniciou-se em ambientes religiosos. Em 1988, aconteceu o primeiro Encontro Nacional de Intérpretes de Língua de Sinais organizado pelo FENEIS promovendo o intercambio entre diversos TILS no Brasil além da avaliação desse profissional. (MEC, 2004)

Em 1992, aconteceu o segundo Encontro Nacional de Intérpretes de Língua de Sinais e dessa vez promoveu o intercambio entre intérpretes de outros países. Neste encontro foi discutido e votado o regime interno do Departamento Nacional de Intérpretes. (MEC, 2004)

A partir desses encontros sugeriram outros encontros a nível regional e local e demais conquistas como o reconhecimento da língua de sinais como língua oficial das comunidades surdas brasileira, em 24 de abril de 2002. Com este reconhecimento o TILS deu um passo importante abriu diversas oportunidades no mercado de trabalho e o reconhecimento da profissão e formação do TILS.

Devido a essa característica, não há muitos registros históricos sobre a profissão (SILVA e *tal* 2003). Ou seja, em seus primórdios, ele era alguém da família, ou próximo a ela que pelo convívio, conseguia aprender a se comunicar com o surdo e assumia a função de mediar a comunicação. As igrejas também colaboraram muito para o desenvolvimento desse profissional, considerando que até hoje ele é presença certa dentro de muitas delas. Vários também, tiveram suas formações iniciadas nesse meio.

Embora, boa parte profissionais que atuam como TILS sua formação se dá, normalmente, em cursos básicos de intérprete de línguas de sinais. No Brasil, a graduação ainda, é pouco ofertada. Autores, enfatizam a necessidade de uma maior capacitação na formação do TILS.

Quem é o Tradutor/Intérprete de língua de sinais (TILS)?

O TILS é a pessoa que traduz e interpreta a língua de sinais para a língua falada e vice-versa em quaisquer modalidades, seja oral ou escrita (MEC, 2004). De acordo com Cruz (2016), esse profissional deve ser alguém dotado de um grande saber cognitivo-linguístico com pleno domínio gramatical e cultural das línguas a serem traduzidas. Seu trabalho é desgastante e exige dele preparo físico e mental, além de domínio das línguas envolvidas no processo. Ele precisa estar inserido na comunidade surda, vivenciar junto sua cultura, suas lutas, vitórias e precisa conhecer bem o surdo e suas características pois,

Encarrega-se de reconstruir a realidade encontrada de maneira mais condizente com seu idioma, sem falseá-la, seja pela adição, seja pela supressão. Essa atitude está mais relacionada com o conceito que ele tem das pessoas surdas, e não sobre seu conhecimento da LIBRAS. (SILVA, e *tal* 2003, pg 237)

Segundo Ferreira (1993), ele é o “intermediário”, é o “mediador” podendo ser considerado o “negociador que exerce suas atividades colocando-se entre o produtor e o consumidor, ou seja, é o TILS quem media a tradução/interpretação da língua alvo para a língua fonte.

O TILS é reconhecido e sua formação normatizada através do decreto 5.626 de 22 de dezembro de 2002 regulamentada pela Lei Federal 12.319, de 1º de setembro de 2010 o exercício da profissão de Tradutor/Intérprete da Língua Brasileira de Sinais - LIBRAS. Rosa e Dallon (2002), nos esclarecem que:

O tradutor é o profissional que faz a tradução de um documento escrito. O intérprete é aquele profissional que traduz de forma verbal para outra língua algo que foi dito. No caso dos surdos, quem faz este trabalho é o intérprete de língua de sinais, ou seja, uma pessoa ouvinte bilíngue, que domina o português na modalidade oral e a Língua de Sinais.

Entretanto, os dois termos são aceitos tanto pela comunidade surda como pela comunidade dos ouvintes, não dissociam as nomenclaturas. O TILS carrega em suas mãos grande responsabilidade pois dele, depende grande parte da absorção de conhecimento de mundo adquirido pelos surdos e sua inclusão na sociedade. Uma interpretação equivocada pode gerar danos, desconforto ou mesmo perda de importantes informações.

A atuação do Tradutor/Intérprete em sala de aula

Segundo Cruz (2016), alguns campus de atuação desse profissional são: escola, igreja, empresa, hospitais, senado e TV, devendo manter onde estiver a mesma competência, porém com conhecimentos específicos para cada área. Ainda de acordo com Cruz, o TILS recebe algumas denominações um pouco diferentes de acordo com seu principal campo de atuação e suas atribuições.

O intérprete que atua na escola ele é chamado de “Intérprete educacional” , segundo Tuxi (2005) *apud* Quadros (2003), o intérprete educacional é aquele que atua como profissional de intérprete de língua de sinais na educação. Tem como função intermediar as relações entre professores e os alunos, bem como entre colegas ouvintes e surdos.

Entretanto, para situá-lo onde esta atuando pode receber outras nomenclaturas, vai depender onde ele atuará porém continuará com função de intérprete. Por exemplo:

Na igreja temos o Intérprete religioso, e seus conhecimentos devem estar relacionados com as crenças pregadas ali. Esse ambiente, como já dito anteriormente, foi ponto de partida e aprimoramento para muitos intérpretes. De acordo com Guimarães e Luchi (2013, p. 13):

O intérprete empresarial é o que vai lidar com o cotidiano de empresas e prestar serviços como entrevistar candidatos surdos a vagas de emprego. Na saúde ele atua em lugares como, hospitais, maternidades, postos de saúde e a presença desse profissional, pode salvar vidas. A presença desse nesse contexto social, ainda, é escassa dificultando a comunicação do paciente surdo com o profissional da saúde ouvinte.

Temos, ainda, os intérpretes atuantes em ambientes políticos como câmara de senadores e deputados. Estes costumam aparecer na TV e devem também estar bem preparados, pois, representam, muitas vezes a imagem da profissão para os leigos no assunto.

Em se tratando da imagem desse profissional na mídia televisiva, infelizmente, grande parte da população não tem conhecimento do seu trabalho e da Libras, o que acaba gerando brincadeiras com as especificidades da língua como as expressões faciais e corporais.

Também, temos visto alguns casos de falsos intérpretes ou intérpretes despreparados que aparecem em alguma transmissão de TV e denigrem a imagem desse profissional ante a sociedade.

Entretanto, o trabalho do TILS não é feito de maneira aleatória, ele é regido por um código de ética que exige dele princípios e padrões fundamentais para uma tradução confiável e eficaz que no:

Registro dos Intérpretes para Surdos - em 28-29 de janeiro de 1965, Washington, EUA) Tradução do original Interpreting for Deaf People, Stephen (ed.) USA por Ricardo Sander. Adaptação dos Representantes dos Estados Brasileiros - Aprovado por ocasião do II Encontro Nacional de Intérpretes - Rio de Janeiro/RJ/Brasil – 1992 (QUADROS, pg 31, 2004).

No primeiro artigo diz que:

São deveres fundamentais do intérprete: O intérprete deve ser uma pessoa de alto caráter moral, honesto, consciente, confiante e de equilíbrio emocional. Ele guardará informações confidenciais e não poderá trair confidências, as quais foram confiadas a ele.

O intérprete deve ser uma pessoa leal às informações que lhe são passadas. Fazer a tradução/interpretação respeitando o conteúdo na íntegra. Dessa forma, sendo um profissional de respeito perante a sociedade.

A participação do TILS na sociedade como integrante de um processo de conquista da comunidade surda faz com que se torne relevante pensar em sua prática, principalmente no contexto escolar, área na qual este profissional é mais requisitado.

“A presença do intérprete no espaço educacional ocorreu no momento em que os surdos começaram a frequentar as salas de aula, esse movimento se deu em virtude do movimento de inclusão escolar. A partir de então surgem as seguintes questões: os surdos, estando na escola, como aprenderiam os conteúdos? Quem seria o profissional que faria essa intermediação? Assim, esses antes intérpretes religiosos, familiares e educadores de surdos começaram a interpretar nas escolas.”

Segundo Lacerda (2013), dentro desse ambiente ele tem papel pouco claro e assume múltiplas tarefas. Podemos considerar que este fato se deve a função de intérprete educacional ser algo novo e ainda nos tempos atuais, o fato que ter outro profissional dividindo a mesma sala com o professor pode causar nele um certo estranhamento e desconforto.

Outros problemas a cerca desse profissional, para a autora são, a falta de formação (pela carência de profissionais preparados muitos acabam exercendo essa função sem a formação necessária) necessidade de que o professor também conheça a língua de sinais, tensão entre papel do professor e papel do interprete (dificuldade em estabelecer limites), papel diferente para diferentes níveis de ensino.

O TILS em sala de aula tem muitos desafios em relação sua função dentro deste espaço. É comum o TILS ser visto como professor em sala de aula, pois, há escolas que têm dificuldade em aceitar a presença desses profissionais sem função pedagógica pelo de não preparem aula, por não exerceram atividades ligados ao ensino do aluno surdo. Lacerda (2009):

No entanto, apenas a presença do TILS em sala de aula não assegura que as questões metodológicas sejam alteradas para contemplar todas as necessidades educacionais especiais do aluno surdo visando a uma atenção inclusiva.

A presença do intérprete acaba, muitas das vezes, mascarando uma inclusão que exclui este aluno surdo. Além disso, a falta formação do profissional educacional leva uma concepção equivocada da atuação do intérprete em sala de aula e, por vezes, quer responsabilizá-lo pelos processos de aprendizagem dos alunos surdos. Portanto, a formação do TILS precisa ser pensada com muito cuidado em diversos aspectos em sua atuação profissional. (LACERDA, 2013)

Diante as considerações anteriores, é importante ouvir educadores que, em suas salas de aula, tenham alunos surdos e tem a atuação do TILS: Como os professores entendem qual o papel do TILS em sala de aula.

ANÁLISE DA PESQUISA

Este é um estudo que busca compreender o relacionamento cotidiano entre intérpretes e professores em sala comum do ensino regular. A opinião desses intérpretes é de fundamental importância para que possamos entender como eles são vistos pelos professores em sala de aula. (NOGUEIRA, 2013)

A análise do discurso desses intérpretes irá favorecer a compreensão de aspectos que tem sido discutido nos últimos anos sobre o papel do TILS na sala de aula. Do ponto de vista da pesquisa qualitativa, torna o relato dos intérpretes importantes fontes de dados para um estudo dessa natureza. Assim, a pesquisa qualitativa pretende aprofundar a compreensão dos fenômenos que investiga a partir de uma análise rigorosa e criteriosa desse tipo de informação, visto que, a intenção é a compreensão. (MORAES, 2003)

Colaboraram com nossa investigação duas intérpretes educacionais, sendo que o critério de escolha dos sujeitos foi o fato de atuarem como intérpretes em sala de aula do ensino regular e terem aceitaada a participar da pesquisa. Uma atua no ensino fundamental maior, sétimo ano e a outra na segunda série do ensino médio. Ambas trabalham em escolas regulares da rede pública de ensino de Aracaju.

De acordo com a abordagem adotada, realizamos uma entrevista semiestruturada (BOGDAN; BIKLEN, 1994). Seguem abaixo as questões feitas as intérpretes:

1. Sobre sua formação, tanto inicial como a continuada?
2. Quais desafios você tem em atuar como intérprete em sala de aula?
3. Existe alguma dificuldade na interação entre você e os professores?
4. Como os professores veem a atuação do intérprete na sala de aula?

Podemos constatar que ambas as intérpretes passam por problemas semelhantes. O papel ainda não definido do intérprete ante a comunidade escolar fica explícito na fala das entrevistadas:

“Alguns professores ainda não aprenderam que intérprete não é professor então isso acaba sendo um pouco difícil pois os mesmos acabam pondo a responsabilidade de ensinar sobre nós intérpretes. Acredito que deveria ter um pouco mais de esclarecimento sobre a função intérprete”.

Porém, podemos considerar antiético cobrar desses profissionais funções como tutorar o aluno, realizar atividades extraclasse ou ainda discipliná-lo. De acordo com o Código de ética do interprete, capítulo I art. 3, ele “deve lembrar-se dos limites de sua função e não ir além de a responsabilidade”.

Outro agravante é que ele está contratado como intérprete e não como professor. Percebemos que há uma falta de interação entre o docente e o profissional de língua de sinais. Como relata uma das intérpretes entrevistadas:

“A relação intérprete professor não é satisfatória, já que, eles dificilmente atendem as solicitações que faço, como por exemplo conteúdo antecipado, atividades e provas adaptadas ou aulas mais visuais”.

Isso pode trazer consequências para o aluno já que “o ensinar-aprender somente se dá na dialogia, a qualidade da experiência escolar dos surdos depende das formas pelas quais a escola aborda a questão da linguagem e concede a importância ou o lugar das duas línguas” (GÓES, 2000). Com isso, apenas a presença do intérprete não é suficiente para o aprendizado do aluno.

As falas das intérpretes envolvidas nesta pesquisa denunciam a falta de entendimento por parte dos professores qual real papel do TILS na sala de aula. Diante dessa ausência de compreensão da função

do intérprete educacional, os professores desconhecem aspectos culturais importantes relativos aos surdos e o profissional TILS.

Há professores que delegam atividades que não cabem ao intérprete, visto que, esta não é sua função. Quadros (2004) alerta sobre a confusão existente entre cada um desses papéis, o que ocorrer muitas das vezes, em que o TILS tem que assumir o papel de tutor de ensino e a aprendizagem do aluno, não como intermediador de comunicação entre os envolvidos.

As intérpretes, nessa pesquisa, enfatizam a importância por parte dos professores o conhecimento a respeito da atuação do intérprete em sala de aula. Dessa forma, a relação entre eles seria bem mais satisfatória.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Verificamos com este artigo que o papel do intérprete educacional, ainda não está delimitado, pois ele é muitas vezes confundido com o de professor até mesmo pelos próprios docentes.

A presença constante desse profissional em sala de aula e o contato mais de perto com o aluno surdo, causa uma não dissociação do real papel do intérprete e o papel do professor.

No entanto, a interação intérprete/professor e, especialmente a correta delimitação dos papéis de cada um, é de suma importância para o aprendizado/desenvolvimento do aluno surdo. Ele irá lidar com a presença de um intérprete por diversas vezes e nas mais diversas situações no decorrer de sua vida e precisa saber identificar papéis.

A parceria com o intérprete pode ajudar com dúvidas práticas ou mesmo incentivar o docente a buscar cursos para especialização. Pode ainda colaborar para uma aula mais acessível aos surdos. É primordial importância que o aluno surdo seja acompanhado por um intérprete na sala de aula. (HONORA, 2014)

Deste modo, o docente terá um auxiliador na comunicação, alguém que pode ajudá-lo acerca de questões relacionadas à surdez e ao universo de seu aluno. Colaborando assim, para as adaptações necessárias por parte dele no processo de ensino e aprendizagem do surdo.

O intérprete deve saber se posicionar e deixar claro o seu papel e seus limites. Nesse momento faz-se necessário a postura dele em deixar claro, de maneira educada, qual sua função ali. Conversar com o professor é essencial.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMPESSAN, J. P. LUCHI, M. Santa Catarina. Secretaria de Estado da Educação. **Intérpretes educacionais de Libras: orientações para a prática profissional**. Fundação Catarinense de Educação Especial -- Florianópolis: DIOESC, 2013. 96p.

ARAUJO, L. R. **Inclusão social do surdo; reflexões sobre as contribuições da lei 10.436 a educação, aos profissionais e sociedade atual**. Disponível em: <http://www.egov.ufsc.br>. Acesso em: 20 agosto de 2020.

BORGES, F. A. NOGUEIRA, C.M.I. **Surdez, inclusão e matemática**. 1 ed. – Curitiba, PR:CRV, 2013.

BRASIL. Lei nº 10.436 de 24 de abril de 2002. **Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras e dá outras providências**. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil. Brasília, DF, abr. 2002.

COSTA, L. E.M. **Os papéis do intérprete de LIBRAS na sala de aula inclusiva**. Editora Arara Azul. 2004

CRUZ, R. M .H. **Conflitos Éticos na Atuação do Tradutor Intérprete de Libras**. Centro virtual de cultura surda revista virtual de cultura surda Edição Nº 17 / Fevereiro de 2016 – ISSN 1982-6842

FERREIRA, A. B. H. **Dicionário da língua portuguesa**. Rio de Janeiro. Nova Fronteira, 1993.

GESSER, A. **LIBRAS? Que língua é essa?: Crenças e preconceitos em torno da língua de sinais e da realidade surda**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

HONORA, M. **Inclusão educacional de alunos com surdez: concepção e alfabetização: ensino fundamental, 1º ciclo** – São Paulo: Cortez, 2014.

GÓES, M.C.R; LACERDA, C.B.F. (Orgs.). **Surdez: processos educativos e subjetividade**. São Paulo: Lovise, 2000.

LACERDA, C.B.F. **Curso Tradução e Interpretação, com habilitação em Letras-LIBRAS** Universidade Metodista de Piracicaba –UNIMEP, 2013.

LIMA, M, S. **Surdez, bilinguismo e inclusão: entre o dito, o pretendido e o feito**. 2004. 262 f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) – Programa de Pós- Graduação em Linguística Aplicada, instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2004.

MEC . **O tradutor e intérprete de língua brasileira de sinais e língua portuguesa** / Secretaria de Educação Especial; Programa Nacional de Apoio à Educação de Surdos - Brasília ; SEESP, 2004. 94 p. : il.

MORAES, R. **Uma tempestade de luz: a compreensão possibilitada pela análise textual discursiva**. Revista Ciência & Educação, v. 9, n 2, p. 191 – 2011, 2003.

QUADROS, R. M. de; **O tradutor e intérprete de língua brasileira de sinais e língua portuguesa** / Secretaria de Educação Especial; Programa Nacional de Apoio à Educação de Surdos - Brasília : MEC ; SEESP, 2004.

SACKS, O. W. **Vendo vozes: uma viagem ao mundo dos surdos**. Tradução Laura Teixeira Mota. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

VA, R. S. **Cidadania, surdez e linguagem: desafios e realidade.** 2003. Ed. Plexus – SP.

SILVA, S. A. **Conhecendo um pouco da história dos surdos.** - 2009 - Londrina – PR.

STROBELL, K. **História da Educação do Surdo.** Florianópolis, 2009.

*Pós graduada em Libras, graduada em Letras Português, graduanda em Letras Libras, intérprete na Universidade Federal de Sergipe. E-mail: iara232429@gmail.com

**Mestre em Ensino de Ciências Naturais e Matemática (NPGEICIMA) pela Universidade Federal de Sergipe (UFS). Pedagoga. Especialista em Libras, e, em Didática e Metodologia do Ensino Superior. Graduanda do curso Letras-Libras (UFS). Membro do grupo de pesquisa do Núpita. Pesquisadora sobre a Educação Inclusiva. E-mail: vanirhora@gmail.com

***Professor da rede Municipal de Piritiba-BA, Especialista em Gestão Escolar, trabalha na educação básica da Zona Rural. Membro da associação de Moradores do Povoado do Maçambão-Piritiba-BA, Pesquisador sobre Educação Ambiental no contexto rural, temáticas relacionadas à Formação Docente, Processos de Ensino e Aprendizagem e Educação Inclusiva. E-mail: professoraugustoneto@gmail.com